
Formação em agronomia pelo proner e o exercício da extensão rural: os sentidos de permanecer

Training in agronomy by Pronera and the exercise of rural extension: the meanings of remaining

La formación en agronomía por Pronera y el ejercicio de la extensión rural: los sentidos de permanecer

Jéssica Lorena Mainardes da Silva ¹ <https://orcid.org/0000-0001-7874-7348>

¹ Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil, jessica.mainardes@usp.br

Recebido em: 28/08/2025

Aceito para publicação em:28/09/2025

Resumo

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) é uma política pública que objetiva atuar em territórios de reforma agrária a partir da escolarização formal de jovens e adultos. O recorte aqui é dado à formação em Agronomia pelo Pronera, atentando-se ao aprofundamento dos dados coletados na pesquisa de mestrado da autora e seu aprofundamento na pesquisa de doutorado da mesma sobre o exercício da extensão rural pelos estudantes (agora egressos) da turma acompanhada na pesquisa de mestrado. A conclusão é que a Pedagogia da Alternância favorece a atuação como extensionistas rurais ainda durante o curso, além de construir novas configurações no engajamento da juventude rural em territórios de reforma agrária para além da permanência na sua própria comunidade.

Palavras-chave: governança ambiental; sistemas agroflorestais; desempenho ambiental.

Abstract

The National Agrarian Reform Education Program (Pronera) is a public policy that aims to operate in agrarian reform territories through the formal education of youth and adults. The focus here is

[Geopauta](#), Vitória da Conquista , V. 9, 2025, e18108



Este é um artigo de acesso aberto sob a licença Creative Commons da [CC BY](#)

on Pronera's Agronomy training, focusing on the in-depth data collected in the author's master's research and her doctoral research on the practice of rural extension by students (now graduates) in the class monitored during the master's research. The conclusion is that the Pedagogy of Alternation fosters work as rural extension workers while still in the program, in addition to building new configurations for engaging rural youth in agrarian reform territories beyond their stay in their own communities.

Keywords: environmental governance; agroforestry systems; environmental performance.

Resumen

El Programa Nacional de Educación para la Reforma Agraria (Prounera) es una política pública que busca operar en territorios de reforma agraria mediante la educación formal de jóvenes y adultos. El enfoque se centra en la formación en Agronomía de Pronera, con especial atención a los datos exhaustivos recopilados en la investigación de maestría y doctorado de la autora sobre la práctica de la extensión rural por parte de los estudiantes (ahora graduados) en la clase supervisada durante la maestría. La conclusión es que la Pedagogía de la Alternancia fomenta el trabajo como extensionistas rurales durante el programa, además de construir nuevas configuraciones para la participación de la juventud rural en territorios de reforma agraria más allá de su estancia en sus propias comunidades.

Palabras clave: gobernanza ambiental; sistemas agroforestales; desempeño ambiental.

Introdução

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Prounera) foi criado em 1998 e institucionalizado como política pública em 2010. É uma política de Educação do Campo, porém, criada no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrária (MDA) e executada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em parceria com instituições de ensino superior e movimentos sociais. Seu objetivo, segundo o Manual de Operações do Pronera, é “fortalecer as áreas de Reforma Agrária enquanto espaços de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, educacionais, políticas e culturais” (Brasil, 2016, p. 8).

Em minha pesquisa de mestrado, intitulada “A construção do conhecimento agroecológico na formação em Agronomia com ênfase em Agroecologia: um estudo de caso do Instituto Educar” (Silva, 2019), pelo Programa de Pós-Graduação em

Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria, acompanhei os cinquenta e quatro estudantes da segunda turma de Agronomia do Instituto Educar, em seu último ano de curso. Um dos resultados apontados foi a real aproximação entre as comunidades de origem destes estudantes e os professores e conteúdos do curso. Os estudantes relatavam que frequentemente recebiam mensagens por redes sociais dos agricultores de seu assentamento/acampamento durante o tempo universidade com problemas pontuais. Outras vezes, durante o tempo comunidade, surgiam situações a serem resolvidas que os estudantes traziam para o tempo universidade, como a estudante do Tocantins que disse “preciso voltar sabendo como resolver a sigatoka das bananeiras”.

O principal resultado encontrado em minha pesquisa de mestrado foi acerca do exercício da extensão rural mais próxima da concepção de comunicação de Paulo Freire (1983), que já acontecia durante o curso, entre os tempos presenciais e nos territórios, segundo o método da Pedagogia da Alternância. Assim, aquelas comunidades que se apresentavam mais abertas à atuação do estudante de Agronomia pelo Pronera, promoviam o diálogo de saberes entre conhecimento científico e tradicional, permitindo aos estudantes posicionarem-se como técnicos no desenvolvimento de seu território, de acordo com os interesses do coletivo do assentamento.

A extensão rural, institucionalizada no Brasil no final de 1940, passou por diversas transformações em sua concepção: do trabalho de mudar a mentalidade dos camponeses, fazendo-os menos atrasados na sociedade industrial que surgia, utilizando de uma abordagem persuasiva, para uma compreensão de trabalho de construção do conhecimento e valorização dos saberes locais, com uma abordagem mais interativa e de participação social (Bracagioli Neto; Marques, 2023). Ao ser incluída na Constituição Federal de 1988 como parte da política agrícola do país, passa a ser compromisso do Estado na promoção do desenvolvimento social (Bracagioli Neto; Marques, 2023).

É o elo entre essas duas frentes que conduz minha pesquisa de doutorado: a formação em Agronomia pelo Pronera e a extensão rural, isto é, em uma perspectiva mais ampla, entre a Educação do Campo e a qualificação para o trabalho com a agricultura familiar em territórios de reforma agrária. O recorte aqui discute, a partir dos dados levantados até o momento da tese e com base nos dados da dissertação acima citada, a concretude do engajamento da juventude *de* territórios de reforma agrária e a expansão da atuação desses jovens na contribuição do desenvolvimento rural *em* territórios de reforma agrária.

Sobre a formação e o permanecer no rural

Ao apontar a importância da Educação do Campo na implementação da Reforma Agrária no Brasil, Molina (2003), em sua tese de doutorado, afirma que a Educação do Campo “penetra no tecido social e tem possibilidades de interferência nesse tecido, seja por meio das sociabilidades, por meio da autoestima, das possibilidades de criar para ampliar os níveis de participação social, de se sentir cidadão do seu mundo” (Molina, 2003, p. 128).

Sobre a formação nos diferentes cursos das Ciências Agrárias, Sá e Molina afirmam:

O modo de construção do conhecimento que tem prevalecido nas Ciências Agrárias do Brasil pode ser considerado como um dos fatores que contribuíram para a consolidação do atual modelo de desenvolvimento dominante no campo. Ao se limitarem a responder apenas às necessidades de inovação tecnológica do capital agrário, formando técnicos a serviço da chamada revolução verde e dos interesses das grandes empresas, os cientistas pesquisadores e professores que atuam no campo das Ciências Agrárias vêm priorizando uma abordagem tecnológica e pedagógica totalmente inadequada às necessidades da agricultura familiar. (...)

No campo das Ciências Agrárias - que orienta a formação de uma grande diversidade de profissionais - o principal problema do atrelamento a um modelo único de desenvolvimento como referência para a definição de orientações teóricas e práticas é a incompatibilidade do processo de formação desses profissionais face às necessidades sociais e educacionais dos agricultores familiares e dos trabalhadores do campo. Essas questões são comumente ignoradas nos currículos de tais cursos, em favor de uma concepção

SILVA, J. L. M. da,

de desenvolvimento tecnológico estritamente voltada para a expansão dos grandes capitais no campo (Sá, Molina, 2014, p. 91).

O documento de acordo de Cooperação técnica entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Ministério da Educação, com a interveniência do INCRA, com o objetivo de executar ações relacionadas à promoção de educação do campo (2003), traz em sua cláusula segunda a seguinte justificativa:

A atuação conjunta entre MDA/INCRA e MEC, proposta no presente Acordo de Cooperação, atende a estratégia necessária de integração interministerial, preconizada nas Diretrizes da Presidência da República contidas no Plano Brasil de Todos - PPA 2004/2007. Neste documento, constam como diretrizes estratégicas do MDA/INCRA a necessidade de garantir a realização da Reforma Agrária e a promoção da Agricultura Familiar, para a construção de um novo modelo de desenvolvimento capaz de contribuir efetivamente com a redução da pobreza rural e com a melhoria da qualidade de vida da população do campo e da cidade. Considerando que no campo encontram-se os piores indicadores educacionais do país, e que as pesquisas mais recentes mostram que a educação - e a alfabetização em particular - se constitui em um motor para a expansão econômica, e é ao mesmo tempo, a principal mola propulsora do desenvolvimento social e político, se faz indispensável que o Estado seja ator fundamental neste processo, no sentido de ampliar o acesso a educação e a formação profissional dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do Brasil (Molina, 2003).

No recorte aqui proposto, de considerar apenas a formação no curso de graduação em Agronomia pelo Proner, estão envolvidas várias camadas, como o próprio desenvolvimento rural em territórios de reforma agrária, a sustentabilidade - especialmente por meio da agroecologia - e a extensão rural como ato educativo para a transformação dessas localidades. Na definição de Bracagioli Neto e Marques (2023), a Extensão Rural:

Tem sido compreendida como um conjunto de ações que objetivam uma intervenção no meio rural, e tem estado condicionada à resolução de determinados problemas que afetam os agricultores e o abastecimento de alimentos (Bracagioli Neto; Marques, 2023, p. 17).

Nesse sentido, o proner apresenta um compromisso com a formação desses estudantes de Agronomia, uma vez que as ações para intervenção no meio rural e os problemas a serem resolvidos são específicos dos territórios de reforma agrária. Ou seja, não basta apenas uma formação convencional, que contemple questões relacionadas ao agronegócio - como, por exemplo, sobre melhoramento genético para o cultivo da soja -, é necessário que os estudos realizados ainda durante a graduação sejam compatíveis com as demandas dos estudantes, que são, exclusivamente, beneficiários de programas de reforma agrária pelo Incra.

A formação do Engenheiro Agrônomo pelo proner precisa, indubitavelmente, se contrapor à formação para o agronegócio, devendo ir na contramão da exploração da vida no campo pelo sistema capitalista. Pois, como aponta Sauer, “não se trata de criticar ou mitigar impactos ambientais (externalidades) do capitalismo no campo, mas transformar a racionalidade destrutiva do sistema (Moore, 2011; O’Connor, 1998, apud Sauer 2024, p. 3)”. Por isso, Diesel, Dias e Neumann (2022) afirmam que há uma customização da Extensão Rural, ou seja, que há uma pluralidade e a heterogeneidade da atuação do extensionista rural. Isso implica no próprio ensino de extensão rural na graduação, uma vez que gera uma disputa sobre o perfil do profissional que se deseja formar. Pereira e Castro (2021) apontam para a “disparidade entre o percentual de estabelecimentos atendidos (20,2%) e a área abrangida (50,8%), interpretando que este fato se explica pela elevada concentração fundiária, indicando que os estabelecimentos maiores têm mais acesso à orientação técnica” (apud Diesel, Dias e Neumann, 2022, p. 11).

Além disso, há ainda novos desafios para a extensão rural, que, segundo Bracagioli Neto e Marques (2023), seguem os desafios da sociedade contemporânea:

Envolvem sustentabilidade, mudanças climáticas, aquecimento global, crise hídrica, impactos dos agrotóxicos, perda de biodiversidade, assim como as consequências de políticas neoliberais, da globalização dos mercados, das disparidades sociais, da digitalização da vida cotidiana, entre outros tantos aspectos que

impactam a agricultura e os territórios rurais. A problemática da agricultura também muda, o aumento de produtividade já não é a única preocupação, cresce em importância o foco na alimentação com diferentes relações de consumo, dinâmicas de mercado e predominância da concentração urbana. As transformações globais também fazem com que ocorram maiores assimetrias no mundo da produção e a heterogeneidade do desenvolvimento segue nos desafiando a trabalhar para diminuir desigualdades, democratizar o conhecimento, produzir sem danificar o meio ambiente e encontrar formas cooperativas de trabalhar e viver (Bracagioli Neto; Marques, 2023, p. 10).

Diesel, Dias e Neumann (2022) problematizam sobre as possibilidades de atuação da extensão rural, como a possibilidade de customização da extensão rural, uma vez que os profissionais extensionistas podem ser demandados a atender diferentes interesses na agricultura, pois a produtividade já não é a única dimensão a ser pensada para gerar desenvolvimento no meio rural. Além dos desafios que envolvem a inclusão de temáticas como sustentabilidade, mudanças climáticas, aquecimento global, crise hídrica, impactos dos agrotóxicos, perda de biodiversidade, assim como as consequências de políticas neoliberais, da globalização dos mercados, das disparidades sociais, da digitalização da vida cotidiana, entre outros tantos aspectos que impactam a agricultura e os territórios rurais (Bracagioli Neto; Marques, 2023, p. 10).

Os dados aqui considerados são sobre os egressos da segunda turma de Agronomia com ênfase em Agroecologia do Instituto Educar, que foram entrevistados por mim em seu último ano de graduação, durante o tempo universidade. Segundo dados levantados pela própria instituição, dos 54 egressos, apenas 5 não trabalham dentro dos princípios do Pronera, atuando em empresas ligadas ao agronegócio, como a John Deere e a New Holland. Os outros 49 egressos estão engajados, de alguma forma, com os objetivos da formação pelo Pronera, como relata o coordenador técnico do Instituto Educar, Eng. Agrônomo e Doutor em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Jacir Chies:

SILVA, J. L. M. da,

Os demais praticamente estão todos [em trabalhos relacionados à agricultura familiar]. Alguns tocando as coisas em casa mesmo, alguns assumindo cooperativas, (...) claro, alguns também estão trabalhando com algo mais pessoal, eles mesmos montaram de assistência técnica, alguma coisa assim. Tem alguns fora do Brasil, agora nós estamos com um na Zâmbia, agora voltou um de lá, aí tem alguns na Venezuela, tem outros que não atuam diretamente com Agronomia mas que estão na organização do movimento. Então tem várias situações, mas de fato, assim, que estão no agronegócio que eu sei são esses. (...) No Haiti também tinha 2 agora (...)².

Esse panorama é resultado do trabalho da Instituição no processo formativo destes estudantes. Para Jacir, são dois componentes que mudam o contexto da turma especial para a turma regular:

Um deles [é] a organização interna do Educar que possibilita ser em sistema de alternância, que tem a vivência dos educandos nas suas comunidades, nas cooperativas, nos assentamentos e tal. Essa é uma das coisas que é a estrutura organizativa do Educar, que proporciona isso através da alternância e da inserção deles também no tempo comunidade, colocar eles, se inserirem nos seus locais ou induzido a algum local. Por exemplo, agora, a turma 4 tem 10 alunos na Venezuela, no tempo comunidade, estão voltando quarta-feira. (...) Então isso é uma coisa. A outra é a questão do currículo mesmo, os componentes curriculares nossos são os mesmos de Erechim, mas o que muda é a intencionalidade do componente curricular. A ementa nós seguimos a mesma ementa de todos os componentes, não tem como nós mudarmos as ementas³.

O Coordenador Geral conta, inclusive, que, apesar da maior parte do corpo docente serem professores da própria UFFS, o Educar possui a autonomia de contratar seus próprios professores, quando julgam necessário. O professor Humberto Tommasino, da Universidad de la República Uruguay (Udelar), por exemplo, costuma oferecer os componentes Diagnósticos de Sistemas Agrários e Extensão Rural, juntamente com Jacir. Já o professor João Pedro Stédile, economista e ativista social, trabalha o componente curricular Questão Agrária, juntamente com mais três professores.

² Instituto Educar (2024)

³ Idem.

Outro diferencial da turma de Agronomia convencional é o oferecimento das disciplinas optativas: quatro (de cinco) são escolhidas pelos estudantes. Normalmente, as mais votadas por todas as turmas são: Bioinsumos, Plantas Bioativas e Homeopatia.

O processo formativo é levado tão a sério no Instituto Educar, que o componente de Extensão Rural foi adiantado do nono para o quinto período, prezando pela práxis de extensionistas ainda durante a graduação: “então começa no segundo com Diagnósticos de Sistemas Agrários e daí no quinto já faz Extensão Rural e daí tem metade do curso ainda que vai desenvolver atividades já com Extensão Rural feita”. Ou seja, os estudantes podem realizar suas práticas durante o tempo comunidade e nos projetos de extensão universitária no próprio assentamento do Educar, refletindo a partir da teoria, desde o quinto período (metade da graduação), em um processo de ação e reflexão, isto é, a práxis freireana.

Há ainda outro fenômeno importante a ser considerado: o perfil dos estudantes tem apresentado mudanças ao considerarmos a primeira até a quarta turma de Agronomia com ênfase em Agroecologia no Instituto Educar. Como características deste fenômeno podemos citar: i) nas duas primeiras turmas a decisão de cursar Agronomia era tomada pelo coletivo (comunidade de origem do estudante), conforme relatado nas entrevistas, enquanto nas duas últimas turmas, a maioria dos estudantes eram mais jovens, demonstrando a continuidade dos estudos após o término do ensino médio na idade esperada; ii) nos últimos vinte anos, vivemos a interiorização das universidades, a criação dos Institutos Federais, as políticas de cotas, bem como as políticas de permanência para estudantes de baixa renda e/ou negros e indígenas, ao mesmo tempo em que as comunidades já têm mais dos seus como profissionais formados e atuando nos territórios. Isso pode ter construído uma nova dinâmica em relação à formação dessa juventude beneficiária de projetos do Incra.

Considerações finais

Podemos apontar como parte inquestionável deste movimento que o Pronera forma, no conceito gramsciano, intelectuais orgânicos à luta por reforma agrária no Brasil. E que, como indicam Favareto, Valencia e Favareto (2024), juventude rural tem se transformado em uma categoria cada vez mais heterogênea, pois, apesar do acesso a bens e serviços continuar como questão importante ao debate de sucessão, outros fatores emergem com relativa relevância: “novas características do mercado de trabalho, maior escolaridade das gerações mais novas, no estreitamento físico e simbólico das relações com o mundo urbano e na recomposição das relações de gênero” (Favareto, Valencia, Favareto, 2024, p. 258).

Nos deparamos, até aqui, com novas configurações do desenvolvimento da política do Pronera, que demonstra que o trabalho de engajamento da juventude rural em territórios de reforma agrária vai além da permanência na sua própria comunidade, incluindo, em muitos casos, a expansão do sentido de permanecer e de lutar por reforma agrária e desenvolvimento rural, uma vez que estes egressos assumem novas responsabilidades perante os movimentos sociais. E, assim, exercem a extensão rural em diferentes formas, em contextos de macro ou microestrutura.

Referências

BRACAGIOLI NETO, A.; MARQUES, F. C. Extensão rural: trajetórias e desafios. Capítulo 1 - Trajetória histórica da extensão rural. 2023. Acesso em: 07 nov. 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/264046/001175762.pdf?sequence=1>

BRASIL. Manual de Operações do PRONERA. MDA-INCRA-DD-DDE-DDE-1. Brasília, 2016.

DIESEL, V., DIAS, M. M., & NEUMANN, P. S.. A customização da Extensão Rural e suas implicações para o ensino. Revista Brasileira De Educação Do Campo, 7, e14800, 2022. <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e14800>.

FAVARETO, A.; VALENCIA, M.; FAVARETO, A. Juventudes rurais: o que diz a literatura e algumas questões para uma agenda de pesquisas e de políticas. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 44, n. 2, p. 242–263, 2024. DOI:

10.37370/raizes.2024.v44.891. Disponível em:

<https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/891>. Acesso em: 5 maio. 2025.

FREIRE, P.. Extensão ou comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7.^a ed., 1983.

MOLINA, M. C. A contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de educação do campo e desenvolvimento sustentável. Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (Tese de doutorado). São Paulo. Brasil, 2003.

Pereira, C. N.; Castro, C. N. Assistência técnica na agricultura brasileira: uma análise sobre a origem da orientação técnica por meio do Censo Agropecuário de 2017 (Texto para discussão 2704). Rio de Janeiro: IPEA, 2021.

SÁ, Laís Mourão; MOLINA, Mônica Castagna. Educação Superior do Campo: contribuições para a formação crítica dos profissionais das Ciências Agrárias. Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre Agroecologia e Educação do Campo nos cursos do PRONERA. Ministério do Desenvolvimento Agrário: Brasília, p. 90-116, 2014.

SAUER, S. Questão eco-agrária: extrativismo agrário, mudanças climáticas e desmatamento no Brasil. *Revista NERA*, v. 27, n. 2, p. e10185, 2024.

SILVA, J. L. M. da. A Construção do Conhecimento Agroecológico na formação em Agronomia com ênfase em Agroecologia: um estudo de caso do Instituto Educar. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 122, 2019.

.

Disponibilidade dos dados:

Os dados da pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo

